

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA
ABRIL 50 – PROGRAMA ESPECIAL
25 de Abril de 2024

O PARTO / 1975

Um filme de Celso Luccas e José Celso Martinez Corrêa

Realização: Celso Luccas e José Celso Martinez Corrêa / Montagem: Celso Luccas.

Produção: RTP – Oficina Samba / Cópia digital, preto e branco / Duração: 30 minutos.

Nota: **O Parto** é exibido numa transcrição digital, presumivelmente feita com base numa transcrição videográfica dos 16mm que foram o seu formato original. A qualidade da imagem, sobretudo em termos de definição, está longe de ser perfeita.

O Parto é apresentado juntamente com **Que Farei Eu com Esta Espada?** “folha” distribuída em separado).

O filme mais famoso de Celso Luccas e José Celso Martinez Corrêa é **25**, sobre a independência moçambicana. Mas antes de **25**, que é um filme com outro fôlego e outra ambição, tinham assinado este pequeno objecto, um curioso “filme de montagem” feito a partir de imagens encontradas no arquivo do RTP (emboras algumas imagens, sobretudo na primeira parte do filme, venham de uma época em que a RTP ainda estava longe de existir), que se propõe ser uma história breve, e dada num didactismo pouco ortodoxo, do anos da ditadura portuguesa, primeiro, e dos factos e das aspirações do movimento revolucionário inaugurado em 1974, depois.

Com inspiração manifestamente colhida nalguns “standards” do “cinema revolucionário” (dos soviéticos aos cubanos), **O Parto** é uma montagem bastante viva de imagens simbolicamente cristalinas, por vezes envoltas em raccords de contraste violento e provocante, para um percurso que acaba por ser relativamente linear na forma como cumpre o seu didactismo. Apesar de tudo, é muita coisa comprimida em apenas meia-hora, e a riqueza do fundo arquivístico do filme é necessariamente um dado a destacar. O tom é mais propagandístico do que “historiográfico”, como porventura não podia deixar de ser dadas a época e o contexto – mas também é por isso que este filme, construído com documentos, se tornou ele próprio um “documento”. O Parto plasma-se nas esperanças revolucionárias portuguesas, faz-se seu veículo, ou seu fruto, e o momento mais simbólico disso, espécie de “tour de force”, é a longa cena, já perto do fim, em que o que parece ser um documento médico (um parto, filmado do princípio ao fim) se torna numa metáfora (o bebé acabado de nascer) do Portugal “novo” saído da Revolução.

Luís Miguel Oliveira